

Alguns elementos sobre a natureza e características do verbo e a origem da preposição em Chinês

Mário FILIPE
(Universidade Aberta)

Nota introdutória

O estudo que aqui apresentamos é proposto como um tributo a quem em muito contribuiu para o avanço dos estudos na área do PLE.

Sendo fruto do tempo em que o ensino de Português Língua Estrangeira a estudantes chineses falantes de cantonês como língua materna em Macau, ocupava o meu tempo profissional como professor e como investigador, este trabalho surgiu como necessidade de dar resposta às questões diárias com que era confrontado na evolução das aquisições dos aprendentes e da nossa vontade de, por alguma forma, tentar perceber as origens de algumas das dificuldades que eles sentiam na sua tarefa diária de aprender português.

A decisão de nesta oportunidade publicar parte deste estudo, foi também ajudada pelo visível aumento de alunos chineses a estudarem PLE em Portugal (ainda que sendo falantes de Mandarim e não de Cantonense) e na RPC sendo igualmente visível que o material ao dispor dos professores destes alunos teima em continuar a não ter em atenção a situação linguística particular destes aprendentes nem contempla aspectos específicos das dificuldades de carácter linguístico, cultural ou conceptual com que os alunos de língua materna chinesa se defrontam ao aprender a Língua Portuguesa. Sendo modesto o contributo propomo-nos ainda assim seguir dois propósitos: despertar a atenção para as especificidades destes aprendentes quanto à aquisição da Língua Portuguesa e homenagear a pessoa e a professora que muito admiro pelo rigor científico e pelas qualidades humanas.

1. Algumas questões preliminares ligadas à natureza das preposições em chinês

O leque das preposições em chinês é muito mais restrito do que em português e também de uso menos frequente. A maioria das preposições do chinês são de origem verbal, derivando, segundo os linguistas chineses, de um processo dito de «enfraquecimento de certos verbos» i.e., a perda de algumas das suas propriedades (fonéticas, semânticas e sintáticas que identificam um lexema como pertencente à classe dos verbos), acabando por se distanciar do significado original que tinham no chinês clássico¹. Assim, diacronicamente, formou-se uma subclasse dentro da classe dos verbos que teria uma dupla função:

- a) Verbo;
- b) Preposição.

Sincronicamente, existe uma subdivisão da classe dos verbos com uma única função prepositiva. Este tipo de classificação não é pacífico e é ainda hoje pomo de discórdia entre as várias correntes dos linguistas chineses, defendendo uns que a noção de preposição, assim como

muitas outras designações importadas da gramática tradicional ocidental, por exemplo, a noção de sujeito, etc., não se ajusta à realidade da língua chinesa, preferindo a designação *co-verbo*, o que evidencia na nossa opinião, a dificuldade em classificar morfo-sintacticamente os caracteres chineses, quer devido à própria natureza do carácter, que não admite variações de tipo morfológico (a escrita chinesa é de tipo isolante não permitindo qualquer forma de derivação) quer pela multifuncionalidade do morfema² chinês.

Como ilustração, aponto apenas o caso de 好 que pode desempenhar as funções de:
[HOU]

Verbo;	[SER BOM] [GOSTAR DE]
Adjectivo;	BOM] [AGRADÁVEL]
Advérbio;	[MUITO] [BEM].

Esta característica do carácter chinês dificulta a sua classificação em termos formais, ficando a clarificação desta, dependente da sua distribuição na frase. Ainda assim, e sem prejuízo das restrições acima descritas, apresento uma caracterização geral das propriedades formais da preposição e do verbo em chinês³:

a) A preposição / co-verbo:

- 1) Não pode ser usada sozinha.
- 2) Não pode ser usada com redobro.
- 3) É susceptível de ter um regime.
- 4) Não pode combinar-se com partículas aspectuais.
- 5) No plano funcional encontra a sua acção limitada não podendo ser empregue como predicado.
- 6) Não aceita a transformação numa interrogativa do tipo afirmativa + negativa.

b) O verbo em chinês tem de aceitar pelo menos um ou alguns dos seguintes critérios de distribuição sintáctica:

- 1) NEG + V
- 2) PRÉ-DET + V
- 3) V + PÓS-DET / ASP
- 4) V + PÓS-DET / CLASS
- 5) V + V' / REDOBRO⁴
- 6) V + NEG + V -?

Nem todos os verbos aceitam todos os critérios, no entanto, o último destes, interrogativa feita com verbo + neg. + verbo, é o mais produtivo.

Como resultado da sua origem verbal, o chinês desconhece o uso de preposições de regência verbal de tipo obrigatório. Estas, introduzem relações de tipo semântico, «... tanto relações de carácter concreto (i.e., locais ou temporais) como relações lógicas ou abstractas.» Li e Cheng (1988), p.653. «Como marcador gramatical, elas têm como função exprimir certas relações bem definidas no plano gramatical» (ibidem), i.e., como introdutor do agente da passiva ou da noção de paciente numa oração.

Em *A Practical Chinese Grammar For Foreigners*, a preposição é assim definida: «A word, which can be put before a noun or a pronoun to form a prepositional phrase indicating time, place, direction, object, reason, manner, the passive, comparison or exclusion, etc. is called a preposition.»

A Língua Chinesa não reconhece, portanto, às suas preposições a função de Marcador Estrutural⁵, «provavelmente, devido à sua origem verbal» Cheng (1991) p. 654.

Na *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, p. 551, define-se preposição do seguinte modo: «Chamam-se PREPOSIÇÕES as palavras invariáveis que relacionam dois termos de uma oração, de tal modo que o sentido do primeiro (ANTECEDENTE) é explicado ou complementado pelo segundo CONSEQUENTE).»

Se aos exemplos do tipo - V prep -, que ilustram esta definição, juntarmos o que na *Gramática* se entende por função relacional das «PREPOSIÇÕES OBRIGATÓRIAS», «Costuma-se... considerá-la um simples elo sintáctico...»; que nas relações fixas, «o uso associou de tal forma as PREPOSIÇÕES a determinadas palavras... que esses elementos... passam a constituir um todo significativo...», que «Nesses casos a primitiva função relacional e o sentido mesmo da PREPOSIÇÃO se esvaziam... vindo a preponderar... o conjunto léxico resultante da fixação da relação sintáctica preposicional»; que nas relações necessárias, «...intensifica-se a função relacional das preposições com prejuízo do seu conteúdo significativo...», pp. 554-556. Estabelece-se assim, sem qualquer dúvida, a diferença fundamental não só do uso da preposição em chinês e em português, como até em termos conceptuais.

2. Análise de exemplos

É partindo desta divergência essencial, que se analisarão as frases seguintes, retiradas das produções escritas de aprendentes:

Escolhemos dois tipos diferentes de desvios usuais nestes aprendentes para ilustrar erros⁶ que consideramos relevantes; de a) a d) erros no emprego de preposições e de e) a g) erros ligados ao uso ou escolha inadequada dos verbos.

- * a) Gostava ter uma vivenda grande na Penha.
- * b) Eu trabalho Direcção dos Serviços de Justiça.
- * c) Eu tenho trabalhar sempre com computador.

Estas frases constituem exemplos em que o aprendente se abstém do uso de preposições com função de elo sintáctico entre os termos das orações (regência verbal). A tradução de

- a') Gostava de ter uma vivenda grande na Penha.
- b') Eu trabalho na Direcção dos Serviços de Justiça.

revela que a preposição usada, [HEONG]/[ESTAR EM], tem uma função sintáctica {a') pós-verbal e b') pré-verbal}, como introdutor de uma relação entre os termos da frase e não como em português, em que é um elemento ligado ao verbo relacionando este com o seu objecto.

Em

- c') Eu tenho de trabalhar sempre com computador.

não é necessário o uso de qualquer preposição na frase equivalente em chinês. Neste caso, a relação V + PREP DE, da frase em português, é substituída pela dupla construção verbal [IEU IEONG]/[PRECISAR USAR]. Assim, em qualquer destas três frases, não é de considerar que o erro

se deva a transferência ou a interferência linguística entre L1 e L2. A dificuldade residirá numa deficiente apreensão pelo aprendente da regra aplicada na construção V + PREP (em que PREP é obrigatório).

* a) Gostava ter uma vivenda grande na Penha.
a') Gostava de ter uma vivenda grande na Penha.

Eu + gostar + PREP + Penha + ter + um + CLASS + vivenda.
Ngó + chong I + heong + chü káu san + ião + iât + kan + pit sói.

我鍾意响主教山有一間別墅

* b) Eu trabalho Direcção dos Serviços de Justiça.
b') Eu trabalho na Direcção dos Serviços de Justiça.

Eu + PREP + Direcção dos Serviços de Justiça + LOC + trabalhar.
Ngó + heong + si fat si mou si + tou + djó ie.

我响司法事務司度做嘢

* c) Eu tenho trabalhar sempre com computador.
c') Eu tenho de trabalhar sempre com computador.

Eu + sempre + precisar usar + computador + trabalhar.
Ngó + sêng iât + ieu ieong + tin lou + djó ie.

我成日要用電腦做嘢

* d) Eu ensino trabalhos manuais de feminino.
d') Eu ensino trabalhos manuais femininos.

Eu + ensinar + feminino + DET + mão trabalho arte.
Ngó + káu + nôi sêng + gé + sâu kông ngái.

我教女性嘅手功藝

* e) Em frente da mesa é uma grande televisão.
e') Em frente da mesa está uma grande televisão.

PREP + mesa + frente LOC + ter + um + CLASS + grande + DET + televisão.
Heong + t'ói + ch'in min + ião + iât + ká + tái + gé + tin si kei.

响枱前面有一架大嘅電視機

* f) Na sala de jantar tem uma mesa grande.
f') Na sala de jantar há uma mesa grande.

PREP + comida sala + LOC + ter + um + CLASS + grande + mesa.
Heong + fân t'êng + tou + ião + iât + cheong + tái + t'ói.

响飯廳度有一張大枱

* g) A cozinha na um rogaio.
g') A cozinha tem um fogão.

PREP + cozinha + ter + um + CLASS + fogão.
Heong + ch'ü fóng + ião + iât + kói + chü sek iôu.

响廚房有一具煮食爐

*d) Eu ensino trabalhos manuais de feminino.

Neste caso, *d) será um erro relacionado com hiper correcção. O aprendente sabe que feminino é um adjectivo e que este, especifica a ideia expressa pelo substantivo indicando o tipo de trabalhos manuais que é ensinado, e, por isso, usa a preposição para enfatizar esse facto, o que no caso do português é redundante. Ao analisar a frase equivalente em cantonense verificamos que feminino [NÔI SÊNG] e trabalhos manuais [SÂU KÔNG NGÂI] estão ligados pela partícula [GÊ] com função associativa. Neste contexto e considerando a semântica inerente, a hipótese de interferência não é de eliminar.

As frases:

* e) Em frente da mesa é uma grande televisão.

* f) Na sala de jantar tem uma mesa grande.

* g) A cozinha há um fogão.

apresentam um tipo diferente de erro. Aqui o aprendente não fez a escolha adequada do verbo.

Em

* e) Em frente da mesa é uma grande televisão.

usa o verbo SER em vez de ESTAR. Tradicionalmente considera-se que estes dois verbos são usados no português para distinguir entre o tendencialmente estável (SER) e o que é susceptível de mudar, em termos relativos, (ESTAR). Por outro lado, na frase em cantonense, o uso do verbo [IÂO] / [TER] e não [HÂI] / [SER] como em português, revela uma diferente opção conceptual entre o falante português e o cantonense para descrever a mesma realidade.

A dificuldade neste caso advirá ainda do facto de o aprendente nesta fase da aprendizagem, não ser capaz de avaliar no português, o que se considera uma condição permanente e o que o não é.

As frases,

* f) Na sala de jantar tem uma mesa grande.

* g) A cozinha há um fogão.

constituem parte do mesmo problema. TER e HAVER são verbos semanticamente próximos mas que se usam em contextos diversos. Complementam-se mas não podem ser usados no mesmo contexto. HAVER é um verbo que só se usa como impessoal com o sentido de EXISTIR. Nestas duas frases o aprendente não consegue estabelecer as condições nas quais estes verbos são usados.

Descrever este tipo de erros sintácticos e interpretar as informações acumuladas sobre estes erros, torna-se relevante ao proporcionar um conhecimento aprofundado da sua natureza e abre caminho a uma optimização de metodologias adaptando-as às especificidades dos aprendentes. «O erro proporciona o contraste necessário à correcta apreensão de conceitos ou regras.» S.P. Corder (1974) p. 170.

3. Apontamento final

Reconheça-se que o conhecimento destas especificidades, neste caso de uma pequena parte delas, não são a chave para a solução de todos os problemas, nem poderia ser. O que estes exemplos permitem é fornecer ao professor elementos que possibilitem atacar as dificuldades dos aprendentes com maior sucesso já que sugerem a necessidade de reforçar no aprendente a noção e o conceito de preposição na língua portuguesa.

Estes poucos exemplos poderão, talvez, levantar a questão da necessidade concreta de conseguir diferentes abordagens para alunos que revelam diferentes dificuldades, relevantes para o seu processo de aquisição de uma língua estrangeira. Esta é uma questão crucial por não se tratar de uma mera curiosidade linguística, uma diferença pontual, comum, entre línguas diversas, é uma questão mais profunda, conceptual, relacional, no sentido em que condiciona a nossa forma de entender o mundo, a forma como construímos o nosso pensar na nossa língua e como a transportamos para a língua estrangeira de aprendizagem. E no sentido em que enquadra o nosso pensar, estabelece a forma como *compreendemos* o outro e de como culturalmente percebemos ou *apreendemos* o outro e o seu mundo.

"Ensinar" todos da mesma forma, de matriz cega e falsamente não discriminatória, é o melhor caminho para alimentar o mito de que existem "línguas mais difíceis", de, com algum incompreensível e destrutivo "orgulho", se afirmar, como se isso fosse medalha de qualidade em feira internacional, que o português está entre as "línguas mais difíceis" de aprender. Num mercado fortemente concorrencial de oferta de línguas, que é o mundo de hoje, esta é a melhor guia de marcha para enviar potenciais candidatos a aprendentes de português para as "línguas mais fáceis". Factos que terceiros agradecem, alimentam e exploram em benefício das suas "línguas fáceis".

Talvez seja altura, é sempre boa altura, de deixarmos a dificuldade para os outros e adoptar métodos e estratégias mais flexíveis, eficazes e próximas das necessidades reais e efectivas dos aprendentes. Sensibilidade cultural e linguística devem deixar de ser uma fórmula gasta, usada a contento em Seminários e Congressos⁷ para passar a fazer parte do quotidiano da sala de aula e primeira ferramenta perceptiva do professor no contacto com os seus alunos. Ao contrário do que afirma o ditado anglo-saxónico não foi a curiosidade que matou o gato, foi a negligência. Foi o tomar por curiosidade exótica o que é relevante para a intercompreensão cultural e linguística.

Notas

¹ Li Dejin, Cheng Meizhen, 1988, *A Practical Chinese Grammar For Foreigners*, SINOLINGUA, Beijing, pp.117-122.

² Em chinês, e como resultado de ser uma língua monossilábica, o morfema constitui uma unidade plena de significado, podendo, por si só e isoladamente, constituir uma frase. Podendo dizer-se que cada morfema é uma palavra, o contrário não é igualmente verdadeiro se a palavra em questão for de formação bi-morfémica, a qual constitui uma tendência do chinês actual, principalmente no que respeita ao Mandarim.

³ Para estas definições recorri aos materiais científicos apresentados por T. A. Cheng nas suas aulas da cadeira de Linguística Chinesa e nos seus trabalhos publicados e a que faço a devida referência na bibliografia.

⁴ Entende-se por redobro a colocação, lado a lado, de dois morfemas iguais, i.e., olhar] + [olhar].

⁵ Preposição com função estrutural do tipo «VERBO+PREP.ESTRUTURAL», definida em Cheng (1991) como «não exprimindo nenhuma relação real, apenas servem para ligar, isto é, reunir e subordinar os termos da frase...Ex.: Assistir a..., Responder a... Morar em...».

⁶ A noção de erro que aqui uso deve ser entendida como termo técnico, tal como se pode depreender em S.P. Corder e como se infere da expressão inglesa «syntaxe error».

⁷ Confesso o meu cansaço auditivo por ao fim de tantos anos continuar a ouvir repetidamente falar e de pouco ver realizado. Parece tratar-se de duas realidades diferentes uma que dá conta dos estudos feitos e que apenas vive enquanto vivem os Encontros, Seminários e Congressos, e outra que parece nem reconhecer a primeira e que continua a “trabalhar como sempre fez” porque mudar é sempre um desafio demasiado perigoso para o conforto diário.

Bibliografia Breve

- Bourdieu, Pierre (1998), *O Que Falar Quer Dizer*, Difel, Lx.
- Cheng, T.A. (1991), Sintaxe da Frase Simples em Cantonense. Comparação com as Línguas Românicas, *Revista Administração*, nº 13/14, pp. 649-662, 1991, Macau.
- Cheng, T.A. (1991), Expressão do Aspecto do Cantonês e do português - estudo contrastivo, *Português como Língua Estrangeira, Actas do Seminário Internacional*, pp. 263-267, I.O.M., Macau.
- Corder, S. Pit (1967), *The Significance of Learners' Errors*, Applied Linguistics and Language Study, Julius Groos Verlag, Heidelberg.
- Corder, S. Pit (1974), *Idiosyncratic Dialects and Error Analysis*, Longman, Singapore.
- Cunha, Celso e **Cintra**, Lindley (1984), *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Ed. Sá da Costa, Lx.
- Li Dejin e Cheng Meizhen (1988), *A Practical Chinese Grammar For Foreigners*, Sinolingua, Beijing.
- Kao, Henry S. R. e Hoosain, Rumjahn, edit., (1986), *Linguistics, Psychology and the Chinese Language* Centre of Asian Studies, University of Hong Kong.
- Kersaudy, Georges (2001), *Langues sans frontières, à la découverte des langues de l'Europe*, Autrement Frontières, Paris.
- Richards, Jack C., Edit. (1988), *Error Analysis, Perspectives on second language Acquisition*, 8ª edição, Longman, Singapore.